

## Cultura & Fé: a dimensão prática da fé!

Paulo Faitanin - Depto. Filosofia UFF



Cultura & Fé

**1. Introdução:** Como num encontro da mão de Deus com a do homem, a cultura pode revelar interiormente em sua múltipla atividade, a expressão da fé. A Igreja - sinal visível da fé - sempre esteve atenta aos sinais do tempo. Inserida na História dos homens, ela não é alheia à cultura, que testemunha na história as conquistas e, inclusive, as misérias humanas. Na história da humanidade a cultura pode também revelar a grandeza e a miséria humanas. Os costumes que se inserem e mesmo alicerçam uma cultura, repassados por tradições e estabelecidos por pessoas de diferentes grupos sociais, podem tanto afirmar quanto denegrir a dignidade humana. Atenta a isso, a Igreja preocupou-se em estreitar ainda mais seus laços com a cultura, procurando nela e dela aprender aqueles elementos que não contradizem os pilares da fé, que se erigem sobre a pedra fundamental, que é Cristo. Nesta aproximação, cujo testemunho da História é riquíssimo, a Igreja sempre procurou onde quer que tenha sido estabelecida, conciliar o cultural humano com os princípios de fé. Mais recentemente tem sido grande o seu esforço de acompanhar a todos os desenvolvimentos humanos e tecnológicos que no seio das culturas são dados. O último século é exemplo disso. E foi neste contexto que se deu a origem do *Pontificium Consilium Culturae*, que se remonta ao Concílio Vaticano II, que lhe dedicou uma seção da constituição pastoral *Gaudium et Spes*, demarcando a importância fundamental da cultura para o pleno desenvolvimento do homem (*Gaudium et Spes*, 53-62). O papa Paulo VI, recolhendo o fruto dos trabalhos da Assembléia do Sínodo dos Bispos sobre a evangelização, celebrado no outono de 1974, escreveu:

“O Evangelho e, portanto, a evangelização, não se identificam certamente com a cultura, e são independentes com respeito a todas as culturas. Contudo, o Reino que o Evangelho anuncia, é vivido por homens profundamente ligados a uma cultura, e a construção do Reino deve necessariamente servir-se dos elementos da cultura e das culturas humanas. Independente frente às culturas, o Evangelho e a evangelização não são necessariamente incompatíveis com elas, mas capazes de impregnar-las todas, sem sujeitar-se a nenhuma” (*Evangelii Nuntiandi*, n. 20).

Fazendo eco do rico legado de Paulo VI, do Concílio Ecumênico Vaticano II e do Sínodo dos Bispos, João Paulo II criou em 1982 o Conselho Pontifício para a Cultura (*Carta autógrafo ao Cardeal Secretário de Estado*, 20 de maio de 1982). Com a Carta Apostólica em forma de ‘Motu proprio’ *Inde a Pontificatus*, de 25 de março de 1993, João Paulo II uniu o Conselho Pontifício para o Diálogo com os Não-crentes (fundado em 1965 por Paulo VI) com o Conselho Pontifício para a Cultura, para formar um único organismo que leva o nome de *Conselho Pontifício da Cultura*. Bento XVI, desde os primórdios acadêmicos de sua formação, preocupou-se intensamente com o tema em questão. Em sua obra *Fé, Verdade e Tolerância*, destaca a importância das culturas em suas relações com a fé. Já no início do pontificado alertava acerca da ditadura do relativismo. Esta via de pensamento reduz toda riqueza cultural humana a fatos subjetivos. Na mesma linha de seus antecessores, Bento XVI tem posto em relevo a grandeza e importância da cultura para a evangelização dos povos. Recentemente em visita ao Brasil, na abertura da Conferência de Aparecida, recordava, uma vez mais, a importância da missão, no seio da diversidade cultural. O *Pontifício Conselho de Cultura*, em seu documento *Centro Culturais Católicos* (5a. edição de 2005), assim expressa o ideal da cultura em nossas vidas de cristãos:

“Inculturar o Evangelho e evangelizar a cultura, no alvorecer do III Milênio, de modo a superar a cisão entre fé e cultura, entre Evangelho e vida cotidiana, entre proclamação da Mensagem e indiferença ou o ateísmo prático de tantos homens e mulheres do nosso tempo, exigem, além dos ensinamentos do Magistério e dos Pastores, uma ação interna. Ação articulada territorialmente de modo a valorizar as tradições culturais locais como resposta às exigências e expectativas de uma determinada comunidade. Eis o motivo da importância desta 'zona fronteira' que são os Centros Culturais Católicos”.

Este mesmo conselho pontifício preparou um documento em 1999, denominado *Para uma Pastoral da Cultura*, como diretriz para a organização de uma Pastoral da Cultura:

“O processo de encontro e comparação com as culturas é uma experiência que a Igreja viveu desde os começos da pregação do Evangelho” (*Fides et Ratio*, n. 70), pois “é próprio da pessoa humana necessitar da cultura para chegar a uma autêntica e plena realização” (*Gaudium et Spes*, n. 53). Também a Boa nova que é o Evangelho de Cristo para todo homem e para o homem todo, o qual “é simultaneamente filho e pai da cultura onde está inserido”

(*Fides et Ratio*, n. 71), chega até ele na sua própria cultura, que impregna a sua maneira de viver a fé e ao mesmo tempo é progressivamente por ela modelada. “Hoje, à medida que o Evangelho entra em contato com áreas culturais que estiveram até agora fora do âmbito de irradiação do cristianismo, novas tarefas se abrem à inculturação” (*Fides et Ratio*, n. 72). E, ao mesmo tempo, culturas tradicionalmente cristãs ou impregnadas de tradições religiosas milenares se encontram abaladas. Por isso, trata-se não somente de justapor a fé às culturas, mas também de dar nova vida a um mundo descristianizado no qual muitas vezes as únicas referências cristãs são de ordem puramente cultural. Estas novas situações culturais através do mundo apresentam-se à Igreja, no limiar do terceiro milênio, como novos campos de evangelização.

Diante destes desafios da “época em que vivemos, ao mesmo tempo dramática e fascinante” (*Redemptoris Missio*, n. 38), o Conselho Pontifício da Cultura gostaria de partilhar um conjunto de convicções e de propostas concretas, fruto de numerosos contatos, principalmente graças a uma cooperação fecunda com os bispos, pastores das dioceses, e os seus colaboradores neste campo apostólico, em vista de uma renovada pastoral da cultura como lugar de encontro privilegiado com a mensagem de Cristo. Pois todas as culturas “são um esforço de reflexão sobre o mistério do mundo e, em particular, sobre o mistério do homem: é uma maneira de dar expressão à dimensão transcendente da vida humana. O âmago de cada cultura é constituído pela sua aproximação ao mistério mais excelso: o mistério de Deus”. Daqui a importância decisiva de uma pastoral da cultura: “uma fé que não se torna cultura é uma fé não de modo pleno acolhida, não inteiramente pensada e nem com fidelidade vivida”.

O Conselho Pontifício da Cultura quer assim acatar as questões prementes que lhe endereçou o Papa João Paulo II: “Deveis ajudar a igreja a responder a estas questões fundamentais para as culturas atuais: como é que a mensagem da Igreja é acessível às novas culturas, às formas atuais da inteligência e da sensibilidade? Como é que a Igreja de Cristo pode fazer-se compreender pelo espírito moderno, tão orgulhoso com as suas realizações e ao mesmo tempo tão inquieto com o futuro da família humana?”.

**2. Dimensão da Pastoral da Cultura:** Seguindo os parâmetros e diretrizes que propõem os documentos do Pontifício Conselho da Pastoral da Cultura, a Paróquia insere-se neste objetivo geral aludido em documento deste mesmo conselho: “*Inculturar o Evangelho e evangelizar a cultura, no alvorecer do III Milênio,*



de modo a superar a cisão entre fé e cultura, entre Evangelho e vida cotidiana, entre proclamação da Mensagem e indiferença ou o ateísmo prático de tantos homens e mulheres do nosso tempo, exigem, além dos ensinamentos do Magistério e dos Pastores, uma ação interna”. Em sua dimensão particular, a Paróquia deve representar estes anseios da Igreja Mãe e concretizar este contato com a cultura local, a partir de sua ação evangelizadora. O Pároco, representante visível do vicariato de Cristo, em comunhão com o Santo Padre e com as instituições que dizem respeito à cultura, deve promover, em seu ardor caritativo, levar a muitos o conhecimento da verdade que é Cristo, o empenho de muitos em fazer o Evangelho presente no interior das diversas dimensões culturais, fazendo-lhes revelar o esplendor da beleza de Cristo que é sinal da riqueza cultural humana.